

# O MÉTODO FENOMENOLÓGICO COMO POSSIBILIDADE PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

## THE PHENOMENOLOGICAL METHOD AS A POSSIBILITY FOR RESEARCH IN PHYSICAL EDUCATION

Ana Carolina Marques da Silva<sup>1</sup>

Adriana de Faria Gehres<sup>2</sup>

Iraquiton de Oliveira Caminha<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo buscou descrever o método fenomenológico aplicado ao levantamento e ao tratamento dos dados de uma pesquisa em Educação Física. O texto discutiu sobre a fenomenologia como método, descreveu um procedimento de recolha e exemplificou processos da análise nomotética e ideográfica, utilizando, como dados empíricos, um estudo realizado no âmbito de um curso de mestrado, com ênfase para a temática sobre a Dança. A referida dissertação de mestrado teve como objetivo compreender a percepção sobre a dança de praticantes, professores e coordenadores de academias de ginástica. O método fenomenológico foi constituído com base na apresentação de procedimentos metodológicos suficientemente descritos e justificados, que se diferenciam da análise de conteúdo e que reforçam parâmetros e procedimentos de execução organizados de maneira criteriosa, em consonância ao que sugere a base teórica-filosófica da fenomenologia para estudos em Educação Física.

**Palavras-chave:** Metodologia científica; Fenomenologia; Educação Física; Dança.

**Abstract:** The present study sought to describe the phenomenological method applied to the survey and treatment of data from a research in Physical Education. The text discussed phenomenology as a method, described a possible collection procedure and exemplified processes of nomothetic and ideographic analysis using, as empirical data, a study carried out within the scope of a master's course, with emphasis on the theme of Dance. This master's thesis aimed to understand the perception of practitioners, teachers and coordinators of gyms about dance. The phenomenological method was constituted based on the presentation of sufficiently described and justified methodological procedures, which differ from content analysis and which reinforce criteria and carefully organized execution procedures, in line with what the theoretical-philosophical basis of phenomenology suggests for studies in Physical Education.

**Keywords:** Scientific methodology; Phenomenology; Physical education; Dance.

### 1 Introdução

No âmbito das produções em pós-graduações *stricto sensu* do Brasil na área de Educação Física (EF), as décadas de 80 e 90 marcaram um período de transição dos processos teórico-metodológicos nas pesquisas realizadas, devido ao desenvolvimento de

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física, Programa Associado de pós-graduação em Educação Física, Universidade de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba (UPE/UFPB). Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: [prof.anamarques@outlook.com](mailto:prof.anamarques@outlook.com)

<sup>2</sup> Doutora em Motricidade Humana/Dança, Faculdade de Motricidade humana, Universidade de Lisboa (FMH – UL). Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: [adriana.gehres@upe.br](mailto:adriana.gehres@upe.br)

<sup>3</sup> Doutor em filosofia, Université Catholique de Louvain (UCLouvain). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [caminhairaquiton@gmail.com](mailto:caminhairaquiton@gmail.com)

pesquisas com enfoque qualitativo e a crescente utilização de bases teóricas comumente presentes nas Ciências Humanas e Sociais (DAOLIO, 1997; LUDORF, 2002). Conseqüentemente, questionamentos sobre os usos destas abordagens emergiram, pautando maneiras de se julgar a qualidade das pesquisas e garantir-lhes rigor científico (ANDRÉ, 2001).

Patias e Hohendorff (2019), ao sugerirem critérios de qualidade para pesquisas qualitativas, reforçam a necessidade de meios que facilitem e viabilizem a formulação destas com o máximo de rigor metodológico, tornando-se então uma construção coletiva e a longo prazo (ANDRÉ, 2001), ao considerar que, em comparação às pesquisas quantitativas, as qualitativas parecem estar sempre em descrédito, pela falta de entendimento estabelecido por diferenças paradigmáticas (PATIAS; HOHENDORFF, 2019). Pode-se afirmar que esta dificuldade se instaura pelo fato da produção científica na EF ter incorporado, durante longo período, os modelos das Ciências Naturais, ou seja, adotava-se predominantemente o uso das abordagens empírico-analíticas como processo metodológico (LUDORF, 2002; SILVA, 1997).

Em artigo, no qual buscaram refletir acerca de uma das fases das pesquisas científicas, focalizando a análise de conteúdo categorial por temática como forma de tratamento dos dados, Souza Junior, Melo e Santiago (2010) pontuaram:

Por vezes, as metodologias de pesquisa dos estudos científicos, quando se expressam numa publicação em formato de livros ou periódicos, são secundarizadas, isso quando não obscurecidas ou até mesmo negligenciadas, pois parece que o papel da metodologia da pesquisa só é compreendido como processo e não como produto da elaboração investigativa (SOUZA JUNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010, p 32).

Almeida *et al.*, (2018) corroboram com afirmação anterior, ao oferecerem um “estado da arte” da produção do conhecimento sobre o corpo veiculado em cinco periódicos da Educação física Brasileira<sup>4</sup>, identificaram que diferentes metodologias de pesquisa foram mobilizadas nos estudos sobre o corpo. Porém consideraram difícil afirmar um predomínio de uma metodologia sobre a outra, sobretudo por inúmeros textos não fazerem qualquer menção à metodologia neles empregada. Moraes, Amaral e Bastos (2021), em estudo sobre as teses de doutorado no campo específico da Gestão em Esporte, também identificaram que os estudos dessa área, em grande parte, não apresentavam claramente a metodologia e, quando o faziam, apontavam para a predominância da análise de conteúdo como procedimento de análise de dados.

---

<sup>4</sup> Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Motus Corporis, Pensar a Prática, Motrivivência e Revista da Educação Física.

Diante disso, torna-se importante ampliar o processo de reflexão e discussão quanto às trajetórias investigativas nas pesquisas qualitativas do ponto de vista das suas opções teórico-metodológicas. No caso deste artigo, tomamos como referência a área da EF, considerando a incipiente produção científico-acadêmica sobre o tema neste campo de conhecimento. É nesse sentido, que o presente estudo buscou descrever o método fenomenológico (BICUDO, 2000, 2011) aplicado ao levantamento e tratamento dos dados de uma pesquisa, por meio de procedimentos metodológicos suficientemente descritos e justificados.

Como material empírico na aplicação do método fenomenológico em pesquisas na área da EF, utilizaram um estudo realizado no âmbito de um curso de Mestrado em EF para descrever os procedimentos de análise (SILVA, 2019)<sup>5</sup>.

O estudo supracitado se propôs a identificar os sentidos que estavam sendo produzidos em academias de ginástica (AG) quanto à prática de danças, anteriormente oferecidas em escolas próprias para o seu ensino, mas que, na atualidade, passaram a ser incorporadas nos espaços das academias. Ao pesquisar sobre o histórico das AG e seu atual cenário, identificou-se que há certa racionalização das AG, com ênfase para as de grande porte, denominadas, por Furtado (2009), como “academias híbridas”. Estas tendem, cada vez mais, a se organizarem visando atender à lógica mercadológica que aponta para uma adequação à necessidade de aumento de oferta de produtos. Ou seja, quanto maiores as características estruturais, a quantidade de alunos e o tamanho da área construída, maiores as chances dessas academias oferecerem variedade de serviços e práticas corporais (FURTADO, 2009).

Nas AG em estudo, por exemplo, identificou-se uma série de serviços oferecidos além das aulas de dança, tais como: consultórios de nutricionista e fisioterapeutas, serviços de massoterapia e podologia, lanchonetes, venda de artigos esportivos; e também uma variedade de práticas corporais, tais como, *yoga*, lutas e pilates. Além disso, destacou-se a ambientação com diversificados equipamentos de som, iluminação e materiais correspondentes às práticas corporais oferecidas.

Nesse sentido, para identificação de academias que oferecessem aulas de danças de diferentes tipos, considerou-se a busca por aquelas de médio e grande porte da cidade de Recife, o que levou à identificação de quatro academias que ofereciam um ou mais

---

<sup>5</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

tipos de dança de interesse para a análise proposta na pesquisa, nomeadamente: o balé, a dança do ventre, a dança de salão, a dança esportiva e o jazz.

Por sua vez, os participantes que compuseram a pesquisa foram os alunos e as alunas que praticavam as aulas de dança, os professores e as professoras responsáveis pela elaboração das aulas em seus variados tipos e os coordenadores e coordenadoras responsáveis, em sua maioria, pelo setor de ginástica, que realizavam a seleção dos/das profissionais e dos tipos de dança como práticas corporais nas AG (SILVA, 2019).

Os espaços foram selecionados considerando os critérios de AG híbridas que se caracterizavam como espaços de médio e grande portes e apontavam para a existência de diversos tipos de práticas corporais, entre elas as danças (FURTADO, 2007, 2009).

Vale salientar que, desde o início da elaboração da pesquisa, compreendemos que os sentidos produzidos com as danças, nas academias de ginástica, seriam constituídos pelas pessoas que compunham os processos de seleção, implementação e realização de aulas de dança (5 coordenadores/as, 5 professores/as e 16 alunos/as) para descrição de suas experiências. Foi nesse sentido que o uso da fenomenologia, como método de pesquisa, surgiu como possibilidade, por viabilizar o entendimento de todas essas vivências enquanto correlatas de um corpo vivo, próprio e intersubjetivo, que produz sentidos no mundo e com o mundo constantemente (MERLEAU-PONTY, 1999).

Além disso, notou-se uma grande lacuna de produções que visassem compreender este fenômeno numa perspectiva não biológica. Dessa forma, pareceu-nos pertinente reconhecer, na fenomenologia, a possibilidade de explorarmos o tema dança e academias de ginástica, deixando com que os sentidos e significados, produzidos pelas pessoas que os compunham, mostrassem-se para nós tais como são. O interesse da fenomenologia “não é o mundo que existe, mas sim, o modo como o conhecimento do mundo se dá e se realiza para cada pessoa” (SURDI; KUNZ, 2009, p. 193).

Este estudo, portanto, sugeriu um modo de proceder, na pesquisa, diferente dos discursos cartesianos e positivistas presentes em pesquisas quantitativas, que possuem como princípios a separação entre sujeito e objeto e a possibilidade de mensurá-los, contá-los e observá-los por meio de cálculos e inferências que levam a resultados possíveis de serem generalizados (MINAYO, 2008).

Movidos pela atitude dos sujeitos da pesquisa de valorizar o sentido de dançar, adotamos a postura fenomenológica de considerar o objeto estudado como manifestações fenomênicas no âmbito do vivido. Vale ressaltar que o vivido se estabelece pelo próprio corpo, que expressa diferentes modos de existir pela experiência de ser corpo no mundo.

## 2 Desenvolvimento da pesquisa: diálogo com o método fenomenológico

A fenomenologia é uma escola filosófica da qual Edmund Husserl é considerado mestre criador e teve seu início na Alemanha do séc. XIX para o XX (BELLO, 2006). “Husserl pretendia estabelecer um método de fundamentação da ciência, constituindo a filosofia como uma ciência rigorosa que deveria acompanhar o método científico” (SURDI; KUNZ, 2009, p. 191).

Apesar da herança husserliana, entendemos que as críticas contemporâneas às suas teorias mostraram-se fundamentais para alicerçarmos a nossa investigação. Merleau-Ponty (1999) apresenta-se como referência para a compreensão e a interpretação do fenômeno estudado e como ponte para uma construção metodológica em consonância com a Fenomenologia enquanto pensamento filosófico, chamando-nos atenção por tecer o corpo como importante plano para reflexão (MERLEAU-PONTY, 1999).

Este filósofo confere às pesquisas a possibilidade de recusa das hipóteses que consideram a estrutura anatômica como princípio dos comportamentos humanos, pois compreende que os comportamentos não se dão apenas pelo estabelecimento de sua estrutura orgânica, mas também por sua relação com o meio, onde o corpo atua pelo sentido dado intencionalmente às coisas. Ou seja, a subjetividade, para Merleau-Ponty, situa-se no corpo (MERLEAU-PONTY, 1999) e, talvez por isso, a presença da fenomenologia, desde os anos 80 até os atuais, nas produções em Educação física, é marcada pelas obras desse autor (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013), ainda que não diretamente, como referencial teórico-metodológico para as pesquisas na área.

À vista disso, nesta pesquisa, considera-se que a fenomenologia é a ciência dos fenômenos que se manifestam na consciência, ou seja, a existência não pode ser entendida como uma pura coisa ou como pura consciência/ideia, mas por uma implicação recíproca entre os polos, uma dialética do sujeito com o mundo. Entende-se que o mundo, o qual investigamos, está posto antes de qualquer análise e o ser humano está nele. Como ser no mundo, a essência que se busca se estabelece, principalmente, a partir das relações vivas da experiência mundana, no vai e vem, ao se comunicarem com os objetos e com os outros (participantes da pesquisa, suas experiências prévias, as construídas e reconstruídas no contexto estudado e as inter-relações estabelecidas, subjetividades e intersubjetividades). Trata-se de uma descrição do fenômeno e não uma tentativa de explicá-lo. Isto significa dizer que, antes de identificar um ente natural como pertencente à geografia como ciência positiva, nós podemos descrever várias paisagens de florestas,

rios e lagos percebidas pelo corpo vivido. É por meio dessas descrições, que podemos realizar um retorno às coisas mesmas como fenômenos percebidos e não como representações abstratas e secundárias definidas pelas explicações científicas. A descrição fenomenológica abre caminhos para as interpretações e narrativas diversas, ao invés de apostar nas conexões causais das explicações desprovidas das experiências perceptivas do corpo (MERLEAU-PONTY, 1999).

Segundo Bello (2006), a atitude de buscar compreender o sentido dos fenômenos implica realizar uma série de operações, pois não é de imediato que esta compreensão se estabelece (BELLO, 2006). Por isso, ao encarar a fenomenologia como método de pesquisa, precisou-se recorrer ao entendimento de algumas etapas cruciais, sugeridas desde Husserl e sistematizadas à luz da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para que consigamos saber o que faz sentido para o sujeito, é necessário *ir-à-coisa-mesma*, que nada mais é do que identificar o sujeito em busca da compreensão do fenômeno investigado, questionando-o sobre o que lhe faz sentido (MERLEAU-PONTY, 1999), “e não a conceitos e a ideias que tratam da coisa” (BICUDO, 2000, p. 74). O retorno às coisas mesmas caracteriza este movimento de “retornar a este mundo, ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significante e dependente; como a Geografia em relação à paisagem” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.4).

Dessa forma, inicialmente se percorreu um caminho de análise constituído por algumas etapas principais e a primeira delas foi a obtenção dos dados por meio da *descrição*, modo pelo qual podemos compreender cientificamente a realidade de determinado fenômeno do ponto de vista fenomenológico.

Uma das maneiras de se obter o que o sujeito expõe sobre a sua experiência vivida, ponto de partida e de chegada da pesquisa fenomenológica, é pelo seu relato, que pode acontecer por meio de recolha das falas concedidas em entrevistas, depoimentos escritos, descrições realizadas pelo pesquisador e registradas por vídeos, diários de campo, entre outros. Esta experiência, no entanto, não representa uma realidade isolada, apenas subjetiva, mas a experiência de mundo compartilhada e articulada de maneira intersubjetiva. E é necessário enfatizar que a experiência vivida tem uma estrutura temporal, ou seja:

Ela nunca é tomada na imediaticidade de sua ocorrência, mas sempre é revelada na recolha e reunião do passado vivido, que também se projeta a um por vir. Portanto, jamais em sua riqueza de nuances que diriam da totalidade

da vida, mas sempre em destaques de aspectos tidos intencionalmente como relevantes por aquele que as expressa. Estamos, humanamente falando, fadados ao movimento parte/todo, intuindo a totalidade e, assim, deixando sempre encoberto algo não dito e acrescentando algo, mediante o já expresso e culturalmente aceito e presente nos modos de dizer (BICUDO, 2011, p. 43).

Como pontua Marques *et al.*, (2013), num diálogo sobre dança e expressividade numa perspectiva fenomenológica, a descrição é um termo usado por Merleau-Ponty, surgido a partir da necessidade de diferenciar-se dos termos que visam analisar e explicar as coisas no mundo. Portanto, considerou-se, na pesquisa aqui relatada, que a descrição das experiências nas academias de ginástica viria a traduzir o que era a dança nestes locais, pois não se pretendia explicar a dança, mas buscar, na descrição de suas experiências, os sentidos produzidos e expressos pelos corpos dançantes e atuantes naquele contexto, entendendo-os como expressivos e perceptivos (MARQUES *et al.*, 2013).

Para tanto, sempre com atenção à interrogação que é diretriz para os demais procedimentos, utilizou-se, como metodologia, entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas em suporte de áudio e transcritas respeitando a fala original concedida pelos participantes. A elaboração das questões se adequou à interrogativa proposta como foco da pesquisa para alcance da descrição das vivências de forma mais detalhada possível. No entanto, não nos preocupamos com um quantitativo grande de entrevistas realizadas, mas buscamos a qualidade dos depoimentos que nos levasse à compreensão do fenômeno, não somente pela descrição das falas, mas pela busca interpretativa destas. Dizer que a investigação fenomenológica não se reduz à descrição, implica a busca pelos seus sentidos diante da necessidade de análise e interpretação de maneira rigorosa, pois:

A fenomenologia busca transcender o individualmente relatado na descrição e avançar em direção à estrutura do relatado, ou seja, do nuclear das vivências sentidas e descritas. Apenas descrever sem evidenciar a estrutura do vivenciado e relatado não se consuma como uma investigação fenomenológica (BICUDO, 2011, p. 46).

Três roteiros de entrevistas semiestruturadas foram elaborados visando à compreensão do fenômeno. Uma entrevista específica para os alunos e as alunas, que buscou compreender sobre as suas percepções e experiências com as danças, tanto durante as suas vidas quanto nos momentos de aulas nas academias, como também conhecer os motivos da busca pelas danças e para a prática e permanência nelas; uma entrevista específica para os professores e professoras, contendo as mesmas questões, mas incluindo uma questão sobre a maneira como organizavam e elaboravam as práticas; e, uma entrevista específica para os coordenadores e as coordenadoras, que incluía questões

sobre a caracterização das AG, como os aspectos sobre o seu surgimento, as atividades oferecidas e as suas finalidades.

Tais entrevistas ocorreram nas próprias academias, nos minutos antecedentes ou posteriores às aulas. Em alguns casos, a autora destas entrevistas participava das aulas de dança para estabelecer aproximação com os envolvidos e apresentar a pesquisa, esclarecendo-lhes o propósito da inquirição. Todos os protocolos éticos sugeridos pelo Comitê de Ética, para pesquisas com humanos, foram respeitados.

Uma outra etapa crucial para realização da pesquisa fenomenológica centrou-se em considerar a busca dos sentidos pela *Redução Eidética/Epoché/Redução fenomenológica*. A redução eidética nos designa a captar a essência das coisas pelo sentido. Portanto, não nos interessaria o fato<sup>6</sup> de existir e sim o sentido do fato. Em outras palavras, trata-se de uma aproximação da verdade, do ponto de vista humano, residida no olhar produzido por este sobre o mundo, havendo a necessidade de nos afastar de qualquer pressuposto teórico e histórico, deixando o fenômeno investigado falar por si.

Merleau-Ponty (1999) sustenta a ideia de Husserl de que a tarefa da Fenomenologia é encontrar a essência das coisas, embora considere que o máximo que podemos conseguir é uma aproximação desta essência, não o seu alcance, e, para isso, precisamos retornar às coisas mesmas. Isso se refere à suspensão de qualquer crença, ideologia, concepção, teoria ou conhecimento prévio sobre o estudado, ao colocar, entre parênteses, os preconceitos experienciados e vivenciados como consequência de um pré-reflexivo. Portanto, não se admite qualquer definição prévia sobre o que será estudado, nem se ter, *a priori*, um quadro de categorias, mas, para aproximação máxima da essência, há a necessidade de se realizar sucessivas reduções àquilo que nos foi relatado por meio das descrições, sem perder de vista a interrogação proposta inicialmente na pesquisa e a busca por seu esclarecimento (MERLEAU-PONTY, 1999; BICUDO, 2000).

A fenomenologia do corpo próprio de Merleau-Ponty (1999) aponta a possibilidade de compreender a dança como expressão de um modo de ser no mundo. Em outras palavras, possibilita-nos estudar a dança, considerando que o próprio corpo elabora sentidos para sua existência.

A atitude fenomenológica de suspensão de nossas certezas, a fim de dar voz aos sujeitos da pesquisa para que possam descrever livremente suas experiências de dançar,

---

<sup>6</sup> Objeto de interesse da ciência, caracterizado pelo que é passível de observação, verificação, mensuração, repetição e controle.

conduz-nos à produção de conhecimento cuja potência científica está no caráter descritivo e interpretativo dessas experiências. O foco dado é a percepção e não o funcionamento do organismo. Quando apontamos a percepção, não estamos falando de uma consciência transcendental que significa o mundo, mas do próprio corpo em suas experiências de descrever o percebido como vivência.

Bicudo (2000) aponta que, por se tratarem de experiências vividas e descritas por linguagem falada/escrita, a análise dessas descrições sugere uma interpretação hermenêutica, um trabalho de aproximação dos sentidos, considerando a polissemia das palavras e sempre em busca de seu entendimento diante do contexto analisado. É à luz dos seus escritos: “Fenomenologia: confrontos e avanços.” (BICUDO, 2000) e “Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica.” (BICUDO, 2011), que ancoramos a análise das descrições que nos foram concedidas e buscamos realizar o movimento de redução fenomenológica. A autora sugere efetuar-la, com o enxerto hermenêutico, num movimento que vai da *análise ideográfica*, apresentando as estruturas individuais, à *análise nomotética*, que visa unificar as estruturas gerais dos textos.

## **2.2 A análise do fenômeno situado: as análises ideográfica e nomotética**

Vale salientar que esta pesquisa apenas sugere um modo de coletar e analisar dados de uma pesquisa em EF com base fenomenológica e, mesmo que se organize mediante proposições dos escritos de Bicudo (2000; 2011), traça um caminho próprio que se organiza considerando a problematização da pesquisa e a necessidade de compreender o fenômeno situado em questão. Portanto, destaca-se a importância do pesquisador estar alinhado com a interrogação, o objeto e o contexto abordados em seus estudos, sem se afastar da necessidade de garantir-lhe rigor científico. Inclusive, da utilização de abordagens metodológicas coerentes com os princípios teóricos.

Nesta pesquisa, considerou-se a dança um fenômeno que compõe a Educação Física como área de conhecimento, valorizando sua polissemia como manifestação cultural e humana, constituinte de contextos artísticos, educativos, políticos, sociais, simbólicos e, por isso, compreende-se que a ação de dançar, independente do espaço e do tempo, elabora sentidos e significados no e para o mundo.

Pensar a Educação Física e a dança com a fenomenologia é pensar no movimento possibilitado por um corpo perceptivo. É enfatizar que, para além do pensamento objetivo que enreda a percepção corporal diante de uma causalidade linear estímulo-resposta, da

noção de corpo-objeto, existe uma maneira de pensá-lo, diante das sensações e percepções que tecem sentidos simbólicos e expressivos no mundo. Um corpo que sente e cria estes sentidos a partir dos diferentes pontos de vista elaborados nas suas experiências corpóreas em diferentes espaços (NÓBREGA, 2008).

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais (NÓBREGA, 2008, p.142).

Considerou-se, assim, que alunos, alunas, professores e professoras, por serem os corpos dançantes nas academias de ginástica, além dos coordenadores e coordenadoras responsáveis pela seleção e organização do quadro de aulas, por constituírem também aquele contexto, todos deveriam descrever suas experiências sobre a configuração das academias e a materialidade da dança, para assim, tecer-se a compreensão dos sentidos produzidos.

O quadro 1, a seguir, baseia-se no quadro didático proposto no estudo de Souza Junior, Melo e Santiago (2010) e elucida a etapa de análise ideográfica realizada (BICUDO, 2000; 2011), tendo em mãos as descrições apresentadas a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas.

**Quadro 1:** 1ª etapa de análise: a análise ideográfica

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
<p>1ª etapa: Análise ideográfica (Descrição, redução e interpretação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Busca por sentidos tomados individualmente, enredando-se por meio das descrições ingênuas dos sujeitos, que possam vir a revelar a estrutura de sua narrativa/a essência do fenômeno interrogado.</li> <li>● Compreender o que está sendo dito pelo sujeito, em busca do sentido do todo, ao abrir-se de maneira empática à possibilidade de imaginar o ponto de vista pelo qual o depoente fala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Estabelecer Unidades de sentido, Unidades de significado, Análise hermenêutica e Aserções articuladas.</li> <li>● Identificar as Unidades de sentido (descrição) a partir de leituras atentas e sucessivas dos depoimentos, quantas vezes forem necessárias. Posteriormente destacar palavras e frases que pareçam nos dizer algo sobre o fenômeno investigado. Colocar em evidência palavras e trechos que possuam sentidos considerados pelo pesquisador como importantes, tendo como norte a interrogação diretriz do estudo.</li> <li>● Em seguida, enumerar as Unidades de significado (redução) ao reunir os</li> </ul>

		<p>sentidos encontrados nas falas ingenuamente com articulações entre as frases que se relacionavam uma com a outra, mesmo que não prontas no texto, mas articuladas pelo pesquisador.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Após isso, realizar uma Análise hermenêutica (interpretação) destas sentenças. Para isto, busca-se a compreensão dos sentidos afirmados nas Unidades de sentido e significado, considerando a narrativa direta, o contexto destas narrativas e a polissemia das palavras contidas nos textos. O enxerto hermenêutico foca nas palavras e sentenças que dizem e no modo de dizer no contexto interno e externo do próprio texto.</li> <li>• Ao final, redigir as Asserções articuladas, as quais emergem no momento em que se passa das expressões da linguagem ingênua dos participantes, para uma linguagem refletida no campo de inquérito do pesquisador, ao unir todos os trechos identificados nos momentos de composição das Unidades de significado, em um só texto corrido e já interpretado hermeneuticamente.</li> </ul>
--	--	--

Fonte: produção dos próprios autores

Em continuidade, o Quadro 2, abaixo, exemplifica um trecho da etapa de análise ideográfica realizada no estudo. No quadro, consta o exemplo da descrição da Professora 03, da Academia 02, que discorre sobre alguns aspectos referentes às aulas de dança nas AG, tais como os objetivos com os alunos, as propostas e o planejamento sugeridos para as aulas e sobre como ela visualiza a dança ali inserida. Considerou-se seu ponto de vista como professora das aulas de ballet, sendo esta uma das atividades presentes na grade de horários das aulas sugeridas no setor de ginástica da academia em questão.

**Quadro 2:** exemplo de análise ideográfica realizada no estudo

<b>DESCRIÇÃO 07 (D7) - PARTICIPANTE: PROFESSOR(A) 3 (P3) - ACADEMIA 02 (AC2)</b>			
Unidades de sentido	Unidades de significado	Enxerto hermenêutico	Asserções articuladas

<p>Mostrar que além das atividades de academia, existe o ballet, que é uma atividade física que proporciona o bem-estar. Não só aquela modalidade de academia que é direcionada a: “Ah! eu vou ter um corpo estético, só por causa da musculação. Não, o ballet também pode oferecer isso, e as pessoas que já dançaram lembram o passado delas. E aí fica, elas fazem academia, mas tem o ballet como o hobby delas, é o hobby que elas gostam. Então fica uma coisa do bem estar da academia, e puxa muita gente que nunca fez ballet e tem vontade de aprender, e entra e gosta. Agora, tem que ficar vindo porque ballet é difícil de aprender, aí acaba que elas vão e se apaixonam.</p> <p>A proposta se volta muito para o bem estar das alunas, principalmente das adultas, elas não estão aqui para ser profissionais. Pronto, as crianças mesmo, aí tem as adolescentes, elas eu já coloco pro lado de competição já pro lado do profissionalismo do ballet clássico. Já os adultos não, é pro bem-estar delas mesmo. Elas estão aqui, aí a turma da manhã vem mesmo já pra se distrair, elas usam o ballet como uma ioga, elas tiram o estresse delas no ballet. Porque a turma da noite todas fizeram ballet durante muitos anos. Aí como elas voltaram, o nível foi dificultando. Aí acabou que ficou uma turma homogênea. Aí ficou esse grupo, vem gente as vezes que nunca fez, às vezes as meninas da manhã, fazem aula que eu peço pra elas virem. E às vezes tem gente da turma da noite que vai pela manhã. Mas de manhã mesmo ficou aquela turma mais iniciante, pois muita gente procurou para abrir a turma da manhã, já que tinha aberto à noite.</p> <p>A gente tem um planejamento de aula que eu já trago do estúdio de dança pra cá. A gente tem um cronograma de aula feita durante o ano todinho, aí a metodologia de ensino é do Vaganova, ou então eu monto a aula e aquela aula fico com um mês ou dois meses com aquela aula, pra dali eu começar a trabalhar técnica aí dali depois normalmente eu mudo a aula, aí a gente faz assim. Minha</p>	<p>1. Mostrar que além das atividades de academia, existe o ballet, que é uma atividade física que proporciona o bem-estar. Não só aquela modalidade de academia que é direcionada a: “Ah! eu vou ter um corpo estético só por causa da musculação. Não, o ballet também pode oferecer isso. E as pessoas que já dançaram lembram o passado delas. E aí fica, elas fazem academia, mas tem o ballet como o hobby delas, é o hobby que elas gostam. Então fica uma coisa do bem estar da academia, e puxa muita gente que nunca fez ballet e tem vontade de aprender, e entra e gosta. Agora tem que ficar vindo porque ballet é difícil de aprender. Aí acaba que elas vão e se apaixonam.</p> <p>2. A proposta se volta muito para o bem estar das alunas, principalmente das adultas, elas não estão aqui para ser profissionais. É pro bem estar delas mesmo. Elas estão aqui, aí a turma da manhã vem mesmo já pra se distrair, elas usam o ballet como uma ioga, elas tiram o estresse delas no ballet.</p> <p>3. Porque a turma da noite todas fizeram ballet durante muitos anos. Aí como elas voltaram, o nível foi dificultando. Aí acabou que ficou uma turma homogênea. Aí ficou esse grupo, vem gente as vezes que nunca fez, às vezes as meninas da manhã, fazem aula que eu peço pra elas virem. E às vezes tem gente da turma da noite que vai pela manhã. Mas de manhã mesmo ficou aquela turma mais iniciante, pois muita gente procurou para abrir a turma da manhã, já que tinha aberto à noite.</p> <p>4. A gente tem um planejamento de aula que eu já trago do estúdio de dança pra cá, a gente tem um cronograma de aula feito durante o ano todinho, aí a metodologia de ensino é do Vaganova, ou então eu monto a aula e aquela aula fico com um mês ou dois meses com aquela aula, pra dali eu começar a trabalhar técnica aí dali depois normalmente eu mudo a aula, aí a gente faz assim. Minha metodologia de ensino é desse jeito.</p>	<p>1. Nesta narrativa, a P3 relaciona o ballet à prática de atividade física no contexto das academias, significando dizer que suas aulas podem ser utilizadas com esse foco (diretamente ligado às academias de ginástica) além de proporcionar bem-estar. Reflete sobre a musculação ser uma modalidade cujo direcionamento é objetivando uma estética corporal, mas que não é a única alternativa no espaço das academias que os beneficia quanto a isso, assim como também extrapola estes objetivos e surge como possibilidade de: 1. Resgate do ballet na idade adulta tanto para aqueles que já praticaram quanto para quem nunca praticou; 2. Dança para o <i>bem-estar e hobby</i>.</p> <p><i>Hobby</i>, de acordo com o dicionário, está significando na narrativa: Passatempo favorito, atividade feita por lazer, distração, prazer, divertimento e não por obrigação. Pensar a dança/ballet desta maneira, embora esteja representando o resgate de muitas mulheres que já foram bailarinas no passado, sugere que atualmente, nas academias, perde-se um pouco o rigor apresentado em outros espaços destinados ao ensino da dança e propõe uma aula com foco no bem-estar, uma atividade de lazer sem obrigatoriedades.</p> <p>2. P3 reforça que o ballet na AC2 volta-se para o bem-estar e não com vistas à profissionalização. Compara o ballet a outras atividades da academia, como a ioga, que também busca proporcionar alívio do estresse.</p> <p>3. Na narrativa, ao explicar sobre as diferenças entre as turmas da manhã e da noite a P3 identifica que as aulas se diferenciam, de acordo com o nível técnico das alunas e que, por isso, uma turma desenvolve atividades mais para iniciante e a outra mais avançada, embora ninguém seja impedido de participar de ambas. Esta narrativa indica uma utilização da dança como técnica corporal.</p> <p>4. P3 explica que suas aulas na academia são organizadas com base na metodologia utilizada no estúdio de dança em que atua e reafirma uma preocupação com o ensino da técnica da dança.</p>	<p>A P3 relaciona o ballet à prática de atividade física no contexto das academias, significando dizer que suas aulas podem ser utilizadas com esse foco (diretamente ligado às academias de ginástica) além de proporcionar bem-estar.</p> <p>Reflete sobre a musculação ser uma modalidade cujo direcionamento é objetivando uma estética corporal, mas que não é a única alternativa no espaço das academias que os beneficia quanto a isso, assim como também extrapola estes objetivos e surge como possibilidade de: 1. Resgate do ballet na idade adulta tanto para aqueles que já praticaram quanto pra quem já praticou; 2. Dança para o <i>bem-estar e hobby</i>.</p> <p>Pensar a dança/ballet desta maneira, embora esteja representando o resgate de muitas mulheres que já foram bailarinas no passado, sugere que atualmente, nas academias, perde-se um pouco o rigor apresentado em outros espaços destinados ao ensino da dança e propõe uma aula com foco no bem-estar, uma atividade de lazer sem obrigatoriedades.</p> <p>O ballet na AC2 volta-se para o bem-estar e não com vistas à profissionalização. P3 compara o ballet a outras atividades da academia, como a ioga, que também busca proporcionar alívio do estresse.</p> <p>Ao explicar sobre as diferenças entre as turmas da manhã e da noite a P3 identifica que as aulas se diferenciam, de acordo com o nível técnico das alunas e que, por isso, uma turma desenvolve atividades mais para iniciante e a outra mais avançadas, embora ninguém seja impedido de participar de ambas. Esta narrativa indica uma utilização da dança como técnica corporal.</p> <p>As aulas de ballet na AC2 estão sendo organizadas da mesma maneira que em academias voltadas exclusivamente para o ensino da dança metodologicamente falando e mesmo que aconteça</p>
---	--	--	---

metodologia de ensino é desse jeito.			de maneira menos rígida, acaba objetivando a dança como ensino/ técnica.
--------------------------------------	--	--	--

Fonte: Silva (2019)

A importância da análise ideográfica concentra-se para além da valorização das individualidades das experiências narradas, ao reconhecer a existência de limites nas descrições que nem sempre se expressam de maneira clara diante do interrogado pelo pesquisador. Ao realizarmos sucessivas leituras, pudemos nos aproximar do que foi dito e nos afastar dos pressupostos teóricos e, em seguida, criarmos unidades de significados buscando retirar as ideias que melhor descreveram os sentidos produzidos sobre o fenômeno interrogado.

O quadro 3 ilustra as segunda e terceira etapas da análise (análise nomotética e compreensão do fenômeno analisado), indicando um movimento de maior aproximação da interpretação do fenômeno, que consiste na elaboração das ideias abrangentes, as quais se caracterizam pela elaboração de temáticas que emergem da releitura das asserções articuladas como uma perspectiva do pesquisador.

Em outras palavras, o processo de elaboração das ideias abrangentes consiste na passagem das asserções hermeneuticamente interpretadas, no momento da análise ideográfica, para as grandes convergências, especificamente mediante releitura das Unidades de significado e das Asserções articuladas, ao refletirmos da seguinte maneira: *“isto quer dizer o quê?”*, *“o que isto significa?”*. Por exemplo, *“este grupo de asserções diz sobre o que as danças nas academias “significam”, este sobre a visão de dança dos professores”, etc.*

**Quadro 3:** 2ª e 3ª etapas de análise: a análise nomotética e a compreensão do fenômeno

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
2ª etapa: Análise Nomotética	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transcender o aspecto individual obtido anteriormente, indicando o movimento de reduções por meio do entrelace das compreensões permitidas pela análise ideográfica, atentando-nos para as convergências e divergências articuladas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar quadros de confluências temáticas.</li> <li>• Enumerar as asserções obtidas na análise ideográfica, continuamente relidas para compreensão do que dizem as falas hermeneuticamente interpretadas;</li> <li>• Identificar as ideias abrangentes que emergem com base nas asserções articuladas realizadas na análise ideográfica;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>O foco volta-se para o que se mostra comum aos diferentes indivíduos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Organizar os quadros, baseados na enumeração realizada, que propiciem uma visualização das ideias abrangentes que se apresentam em comum dentre os diferentes indivíduos.</li> </ul>
3ª etapa: Compreensão do fenômeno	<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição de categorias abertas, sem a intenção de uma conclusão fechada, mas que nos revelem possíveis horizontes de compreensão do fenômeno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Realizar uma síntese integrativa em busca de uma estrutura geral, resultante da compreensão das convergências, divergências e individualidades que se mostram nas descrições, considerando todo o processo de análises ideográfica e nomotética.</li> </ul>

Fonte: produção dos próprios autores

Num primeiro momento, após sucessivas reduções realizadas nas análises ideográficas, as unidades de significados, selecionadas a partir das descrições dos professores e coordenadores, foram articuladas às seguintes ideias abrangentes: 1) motivos de inserção da dança nas academias; 2) motivos de permanência da dança nas academias; 3) a dança nas academias “significa”; 4) como é o espaço para as aulas de dança na academia de ginástica; 5) o papel da academia com relação à dança nas academias; 6) o papel do professor no que concerne à dança nas academias; 7) as circunstâncias do ensino da dança nas academias; 8) visão de dança da academia; 9) visão de dança dos professores; 10) o que/como a dança na academia deveria ser; 11) divergências e proximidades entre os diferentes tipos de dança nas academias; 12) expectativa dos alunos na ótica dos profissionais responsáveis.

A seguir, no Quadro 04, mostra uma parte do quadro de confluências. Do lado esquerdo, as unidades de significados identificadas no momento de análise ideográfica e, do lado direito, as ideias abrangentes às quais cada unidade de significado se articula, numa atitude de ir compondo uma análise nomotética, a partir das confluências temáticas visualizadas.

**Quadro 4:** Exemplo de confluências realizadas no momento de análise nomotética

Unidades de significado	Confluências temáticas											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Mostrar que além das atividades de academia, existe o ballet, que é uma atividade física que proporciona o bem-estar. Não só aquela modalidade de academia que é direcionada a: “Ah! eu vou ter um corpo estético”, só por causa da musculação. Não, o ballet também pode oferecer isso. E as pessoas que já			X		X				X		X	X

dançaram relembram o passado delas. E aí fica, elas fazem academia, mas tem o ballet como o hobby delas, é o hobby que elas gostam. Então fica uma coisa do bem estar da academia, e puxa muita gente que nunca fez ballet e tem vontade de aprender, e entra e gosta. Agora tem que ficar vindo porque ballet é difícil de aprender. Aí acaba que elas vão e se apaixonam.												
2. A proposta se volta muito para o bem estar das alunas, principalmente das adultas, elas não estão aqui para ser profissionais. É pro bem estar delas mesmo. Elas estão aqui, aí a turma da manhã vem mesmo já pra se distrair, elas usam o ballet como uma ioga, elas tiram o estresse delas no ballet.	X		X		X	X			X			X

Fonte: Silva (2019)

Nesta etapa, em específico, foram interpretadas as unidades de significado concedidas pelos professores e coordenadores das academias. Este processo foi executado com todas as entrevistas realizadas. Ao final, elucidamos o total de todas as convergências identificadas para cada ideia enunciada.

Quadro 5: Total de confluências entre as narrativas dos coordenadores e professores

	Confluências temáticas											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
<b>TOTAL</b>	24	19	58	6	14	8	24	27	25	9	13	24

Fonte: Silva (2019)

No quadro supracitado, na linha superior, consta a enumeração das ideias abrangentes e, abaixo, o número de vezes que essas ideias aparecem nas unidades de significado de todas as descrições. Com isso, não se pretendeu recorrer à valorização da quantidade de vezes que os sentidos, produzidos pelos sujeitos, apareciam numa ideia de quantificação de dados, mas apenas para facilitar a visualização das construções realizadas no momento da análise nomotética, pois o objetivo, desta etapa, é buscar, nos aspectos individuais, possibilidades de generalizações, obviamente que não universais, mas contextuais. Então, no que se refere ao fenômeno situado, haja vista que todas as descrições são igualmente valiosas para compreensão do fenômeno.

Essas ideias foram articuladas em outras ainda mais abrangentes e fundamentais para a constituição do fenômeno interrogado, tidas como *categorias abertas*<sup>7</sup>. Assim como no processo de elaboração das ideias abrangentes, as categorias abertas indicam um movimento de aproximação da interpretação do fenômeno, contudo, neste momento, a

<sup>7</sup> Categorias abertas, pois não se pretende definir a estrutura do ser por categorias, mas revelam as categorias articuladas no processo de investigação mediante as análises ideográfica e nomotética, abrindo-se ao trabalho hermenêutico, revelando possíveis horizontes de compreensão (BICUDO, 2011).

identificação das temáticas emergem com base, não só na análise ideográfica, mas também na nomotética, apontando para uma resposta à interrogação proposta na pesquisa. Nesta pesquisa, os processos de análise das falas dos professores e coordenadores apontaram para as seguintes categorias abertas:

1. concepção de dança identificada nas academias: sentidos e significados (3 – 5 – 6 – 8 – 7 - 9 – 10 - 11);
2. motivos de inserção e permanência da dança nas academias (1- 2- 12).

Todo este processo foi realizado com as descrições dos alunos e das alunas. As seguintes ideias abrangentes foram articuladas: 1) motivos de adesão às aulas de dança da academia; 2) motivos de permanência nas aulas de dança da academia; 3) o significado da dança em suas vidas; 4) o papel do professor com relação à dança nas academias; 5) circunstâncias do ensino da dança nas academias e fatores externos; 6) como são as aulas de dança; 7) divergências e proximidades entre os diferentes tipos de dança nas academias.

Reconhecidos os tópicos a partir da interpretação das falas dos alunos e das alunas, o seguinte total de convergências foi identificado:

**Quadro 6:** total de confluências entre as narrativas dos alunos e das alunas

	Confluências temáticas						
	1	2	3	4	5	6	7
<b>TOTAL</b>	33	72	67	26	22	12	13

Fonte: Silva (2019)

Assim como anteriormente, mas de maneira mais abrangente, as seguintes *categorias abertas* emergiram:

1. motivos de adesão e permanência nas aulas de dança da academia (1, 2, 4);
2. sentidos e significados da dança na perspectiva dos corpos dançantes (3, 5, 6, 7).

Pudemos compreender aspectos relativos aos sentidos produzidos para a dança nas academias de ginástica tendo em mãos as categorias abertas identificadas, realizando sínteses integrativas das descrições hermeneuticamente interpretadas na análise ideográfica e passando também pelas convergências identificadas na análise nomotética.

Como resultado, uma multiplicidade de sentidos materializou-se na pesquisa por meio do processo de síntese integrativa elaborada pelos pesquisadores, que buscaram a

compreensão da estrutura do fenômeno. Pôde-se identificar que os seguintes sentidos estavam sendo produzidos com a dança nas academias de ginástica: dança como exercício físico; dança como atividade de lazer; dança como terapia; dança como coreografia; dança como socialização; dança como re-encenação; dança como espetáculo; e dança como técnica corporal. Todas estas significações entrelaçam-se e reconfiguram-se de acordo com o que se mostra em cada espaço e possuem sentidos que se manifestam pela atribuição de valores dados por cada componente, sejam os responsáveis pelo espaço e pelas aulas, sejam os alunos constituintes deste fenômeno.

A síntese dos procedimentos adotados, nesta pesquisa, pode ser ilustrada pelo quadro-esquema a seguir:

**Quadro 7:** Síntese das etapas que constituíram a pesquisa

<b>ETAPAS QUE CONSTITUÍRAM O PERCURSO DA PESQUISA</b>	
Interrogação da pesquisa – Objeto de estudo	
Definir procedimentos de inquirição – descrição – ir à coisa mesma	
Epoché – Redução Eidética/fenomenológica	Análise ideográfica – hermenêutica (Aproximação e interpretação dos sentidos produzidos individualmente)
	Análise nomotética – Confluências temáticas
Síntese integrativa elaborada pelo pesquisador (Compreensão da estrutura do fenômeno)	
Raciocínio Lógico (Diálogos com autores que discutiram sobre as temáticas que emergiram)	

**Fonte:** Autores

Neste estudo, acreditou-se que, para colmatar as lacunas de um conhecimento específico, o qual buscava compreender os sentidos produzidos com as danças no contexto das AG, precisamente aquelas que anteriormente estavam presentes em espaços próprios para o seu ensino e que passaram a ser inseridas nestas academias (ballet, dança do ventre, dança de salão...), seria preciso recorrer às pessoas, que compunham aquele ambiente, para descreverem suas experiências, valorizando a realidade que se apresentava

à consciência dos sujeitos e considerando que o vivido se estabelecia pelo próprio corpo de maneira intencional.

Dessa forma, pensar a dança nas academias de ginástica, tendo a fenomenologia como base teórico-metodológica, permitiu-nos explorar o contexto dos espaços, os motivos de inserção, busca e permanência das danças ali inseridas. Como também, viabilizou-nos principalmente a compreensão do que se propôs a pesquisa, de aproximar-se dos sentidos produzidos com a dança *indo à coisa mesma*, o que nos possibilitou perceber a necessidade de construção de um pensamento para a dança nestes locais e a identificação de que havia uma multiplicidade de sentidos atribuídos, particularidades presentes em cada tipo de dança e diversas possibilidades a partir disso.

### 3 Considerações finais

A investigação, realizada neste artigo, ancora-se no fenômeno: dança nas academias de ginástica. As interrogações, norte para compreensão deste fenômeno, fundamento para os demais procedimentos na pesquisa, foram basicamente: “O que é isso?” e “Quais sentidos estão sendo produzidos sobre isso?”. Estas proposições sugerem uma atitude compreensiva e uma postura atenta ao que se mostra por meio da linguagem, livres de conceitos prévios, permitindo-nos assumir uma conduta interpretativa sobre o enunciado.

Apropriar-se da fenomenologia como ciência, pressupõe considerar duas questões centrais: o sentido de aparência, de natureza perceptiva e expressiva, reconhecendo o ser humano como corpo-próprio que não só se situa no mundo, mas o institui ao atribuir-lhe sentidos; e o sentido de elaborações significativas, que depende da construção de uma rede de sentidos elaborada pelo pesquisador que se compromete a captar estas realidades produzidas pelos sujeitos. Esta captação acontece desde a aproximação dos sujeitos com os contextos nos quais estão inseridos, questionando sobre o que lhes faz sentido, até a elaboração de métodos e procedimentos que facilitem a compreensão do que se mostra nas descrições do vivido, de maneira mais rigorosa e detalhada possível, geralmente associados ao exercício de inúmeras reduções do que fora descrito.

O emissor que narra suas experiências se encarrega de tentar traduzir as memórias sobre o vivido por meio de um canal (fala, gesto, escrita), elaborando, assim, “códigos” que nos sinalizam sobre o que é o fenômeno, seus sentidos e realidades. O pesquisador atua como receptor desses códigos, valida o canal e busca interpretar a mensagem,

considerando e reconstituindo o contexto onde o investigado se situa. O fato de que as narrativas e ideias sobre o experienciado circulem entre emissor e receptor, e de que este, em seguida, também se transformará em emissor, por que se encarregará de traduzir, numa rede de significações, o compilado de informações recebidas e interpretadas; significa que estas elaborações se passam no corpo que percebe e se expressa, tanto dos sujeitos da pesquisa como do(a) pesquisador(a).

Pensar a pesquisa em Dança e Educação Física, numa perspectiva fenomenológica, é compreender que o sujeito está situado no mundo pelo corpo e pelas suas ações intencionais. Dessa forma, as práticas corporais são objetos de estudo que se constituem, sobretudo, pelo corpo próprio, como maneira de se situar no mundo, uma vez que nossa existência se dá numa correlação efetiva entre nosso corpo e tudo que nos rodeia (AZEVEDO; CAMINHA, 2015).

Eu não sou o que, determinadamente, penso ser. Eu sou o que, indeterminadamente, eu posso ser através das afecções recíprocas do Eu e do mundo. Para tanto, a síntese do corpo próprio é a possibilidade de se estar sempre posto numa situação concreta e dar sentido a ela (AZEVEDO; CAMINHA, 2015, p. 37).

A busca pelo entendimento da dança, que carrega sentidos e significados próprios e históricos e se manifesta em diferentes contextos (artísticos, políticos, estéticos, educacionais...), enriquece-se ao considerá-la a partir dos atores que compõem e ressignificam sentidos para sua prática em contextos que são estruturantes para estas (re)significações.

Nesta pesquisa, para demonstrar como esses sentidos foram produzidos, descreveram-se os processos de análise ideográfica e nomotética como procedimentos para realização da pesquisa de base fenomenológica para a área da Educação Física, em consonância ao que sugere os seus fundamentos teórico-filosóficos. Com isso, este estudo apontou não somente para a necessidade de compreensão do método e rigor no delineamento de suas etapas, como também para a descrição minuciosa destas etapas na redação das pesquisas realizadas, uma vez que esta descrição minuciosa é necessária para o entendimento e também para a refutabilidade da pesquisa, pois aponta para a sua validade no campo das pesquisas em Educação Física.

## Referências

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. São Paulo: Edusc, 2006.

ALMEIDA, F. Q; BRACHT, V; GUIDETTI, F. F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. **Educación Física y Ciencia**, La Plata-Argentina, v. 15, n. 2, p. 01-16. 2013. Disponível em: <http://ref.scielo.org/sccspj>. Acesso em: 03 jan. 2023.

ALMEIDA, F. Q; GOMES, I; SAMPAIO, A; MARINOTTE, A. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em cinco periódicos da Educação física brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 133-146, mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.73701>

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.113, p. 51-64, jul. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000200003>

AZEVEDO, D. S; CAMINHA, I. O. Ser no mundo, mundo vivido e corpo próprio segundo Merleau-Ponty. **Dialektiké**, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 2, p. 15-37, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.15628/dialektike.2015.3009>

BICUDO, M. A. V. (org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. Campo grande, MS: Cortez, 2000.

DAOLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 80**. 1997. 97 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/114837>. Acesso em: 03 jan. 2023.

FURTADO, R. P. **O não-lugar do professor de Educação Física em academias de ginástica**. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2019>. Acesso em: 03 jan. 2023.

FURTADO, R. P. Do fitness ao wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a prática**, Goiás, v.12, n.1, p.1-11, jan./abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i1.4862>

SILVA, A. C. M. **A dança como prática corporal no contexto das academias de ginástica**. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física - Universidade de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2019. Disponível em: [https://w2files.solucaoatrio.net.br/atrio/upe-papef\\_upl//THESIS/276/dissertao\\_ana\\_carolina\\_marques\\_edio\\_finalpdf\\_20210817101145406.pdf](https://w2files.solucaoatrio.net.br/atrio/upe-papef_upl//THESIS/276/dissertao_ana_carolina_marques_edio_finalpdf_20210817101145406.pdf) Acesso em: 10 abr. 2023.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M. de; DE MELO, M. S. T; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 29-47, jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.11546>

LUDORF, S. M. A. Panorama da pesquisa em Educação Física da década de 90: análise dos resumos de dissertações e teses. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 19-25, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3651> Acesso em: 03 jan. 2023.

MARQUES, D. A.P; SURDI, A.C; GRUNENVALDT, J. T; KUNZ, E. Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1,

p. 243-263, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/26494>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.; GOMES, S. F. D. R. (orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-29.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, I. F.; AMARAL, C. M. S.; BASTOS, F. C. **Teses de doutorado em gestão do esporte no Brasil**: uma revisão integrativa metodológica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, p. 01-16, jan./dez., 2021.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 02, p.141-148, agosto, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/> Acesso em: 12 jan. 2023.

PATIAS, N. D., HOHENDORFF, J. V. **Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa**. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 24, p. 2-14, novembro, 2019. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.43536>

SILVA, R. V. S. **Pesquisa em Educação Física**: determinações históricas e implicações epistemológicas. 1997. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://old.cev.org.br/biblioteca/pesquisa-educacao-fisica-determinacoes-historicas-implicacoes-epistemologicas> Acesso em: 03 jan. 2023.

SURDI, A. C; KUNZ, E. A Fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 187-210, fev. 2009. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3054>

**Recebido em:** 24 de janeiro de 2023.

**Aceito em:** 26 de abril de 2023.